

LIVRO DA
NOITE



HOLLY
BLACK

TOP
SEL
LER

AUTORA DA SAGA O PRÍNCIPE CRUEL

Para todos aqueles que já festejaram a passagem
de ano em minha casa.

Há uma pequena sombra que me acompanha por todo o lado,
E não sei que utilidade poderá ter.
É muito parecida comigo dos pés à cabeça;
E vejo-a saltar antes de mim quando salto para a minha cama.

De «A Minha Sombra», de Robert Louis Stevenson

PRÓLOGO

Qualquer criança pode ser perseguida pela sua própria sombra. Basta correr na direção do sol numa tarde de ócio. Desde que se mantenha em movimento, seguirá logo atrás dela. Até pode dar a volta e tentar persegui-la, mas por muito que as suas pernas rechonchudas corram, a sombra estará sempre ligeiramente fora do alcance.

Não é o que sucede com esta criança.

Ele corre por um quintal repleto de dentes-de-leão, aos risinhos e gritinhos, os dedos cerrados sobre algo que não seria sólido, algo que não deveria cair *antes* dele sobre os trevos e o capim, algo com que ele não deveria ser capaz de lutar e imobilizar na terra.

A seguir, sentando-se no fresco musgoso sob um ácer, o rapaz enfia a ponta do canivete na almofada do dedo anelar. Desvia a cara, para não ver. A primeira espetadela não perfura a pele. Tal como a segunda. Apenas à terceira, quando exerce mais pressão, com a frustração a sobrepor-se ao melindre, é que logra cortar-se. Dói muito, pelo que se envergonha com a minúscula pinga de sangue que se forma. Aperta a pele, para ver se extrai mais um pouco. A pinga cresce. Sente a avidez da sombra. Sente o dedo a picar conforme uma névoa o cerca.

Surge uma brisa, libertando sementes de ácer. Espiralam para baixo em redor dele, rodopiando no ar com a sua asa única.

«Apenas um copinho por dia», ouvira ele dizer na televisão sobre a respetiva sombra. «E passa a ser a nossa melhor amiga.»

Apesar de não dispor de boca ou língua e de não haver humidade no seu toque, percebe que lhe lambe a pele. Não aprecia a sensação, mas não magoa.

Nunca antes tivera um grande amigo, mas sabe que fazem coisas como esta. Tornam-se irmãos de sangue, misturando o sangue dos seus cortes até ser impossível dizer onde acaba um e começa outro. Ele precisa de alguém assim.

— Sou o Remy — sussurra o rapaz para a sua sombra. — E vou chamar-te Red.

1

SOMBRAS FAMINTAS

As Crocs horríveis de Charlie colavam-se aos tapetes no piso atrás do balcão, gerando um som pegajoso e chiante. Ela sentiu o suor a formar-se debaixo dos braços, na concavidade da garganta e entre as coxas. Era o seu segundo turno do dia; o tipo da tarde despediu-se de um momento para o outro para ir com o namorado para Los Angeles e ela teve de assumir as horas dele até Odette contratar um substituto.

Mas, por muito que Charlie se sentisse cansada, dava-lhe jeito o dinheiro. E achou que mais valia manter-se ocupada. Estando ocupada, mantinha os problemas ao largo.

Sempre se passara algo de errado com Charlie Hall. O que nasce torto tarde ou nunca se endireita. Nunca houve uma má decisão que não estivesse disposta a tornar ainda pior. Tinha dedos de carteirista, língua de mentirosa e um coração empedernido.

Se a sua sombra fosse uma das mágicas, tinha a certeza de que se poria a milhas.

Mas isso não significava que não pudesse *tentar* ser diferente. E estava a esforçar-se. Sim, é verdade que se revelara complicado controlar os seus piores impulsos nos últimos dez meses, mas era melhor do que ser um fósforo aceso numa cidade sobre a qual já despejara gasolina.

Ela tinha um emprego — com uma escala, até — e um namorado rijo como tudo que pagava a sua parte da renda. A ferida do tiro

estava a sarar bem. Sucessos menores, mas não queria dizer que não se orgulhasse deles.

Foi a pensar nisso que Charlie ergueu o olhar e se deparou com um teste à sua determinação a transpor as portas duplas do Rapture Bar & Lounge.

O rosto de Doreen Kowalski estava corado e inchado de chorar; tentara inegavelmente retocar a maquilhagem, mas limpara com tal força o rímel que se espalhara para um lado. Nos tempos da escola secundária, não perderia um minuto que fosse com Charlie, e esta noite provavelmente isso também não lhe interessaria.

Há inúmeras diferenças entre as vidas de pessoas com dinheiro e pessoas sem dinheiro. Uma é esta: sem meios para pagar a especialistas, é necessário desenvolver um ecossistema complexo de amadores úteis. Quando o pai de Charlie desenvolveu aquilo que o médico lhe disse ser um cancro de pele, ele bebeu um quinto de uma garrafa de whisky *Marker's Mark* e pediu a um talhante amigo que lhe cortasse um sinal no ombro, pois não tinha como pagar a um cirurgião. Quando o primo do amigo de Charlie se casou, pediram à Sra. Silva, que vivia a três quarteirões, que lhes fizesse o bolo de casamento, pois ela adorava cozinhar e tinha material para preparar uns belos enfeites. E se o creme de manteiga ficasse um pouco granuloso ou uma das camadas estivesse um pouco cozida demais, bem, não deixava de ser doce e alto como um bolo que se vê nas revistas, custando apenas o preço dos ingredientes.

No mundo da magia da sombra, Charlie era uma ladra de sucesso, mas para os locais seria sempre uma amadora útil, desejosa de palmar uma aliança de casamento ou recuperar um *pit bull* raptado.

Charlie Hall. Atraída por uma má ideia como uma traça por uma camisola de lã. Cada golpe, uma oportunidade para dar asas aos seus piores impulsos.

— Preciso de falar contigo — anunciou alto Doreen, deitando a mão a Charlie ao passar.

A noite estava a ser muito calma no bar, mas Odette, a velha e quase aposentada dominatrix que era dona do espaço, encontrava-se

sentada a uma mesa na frente, a mexericar com as suas comparsas. Ela repararia se Charlie ficasse demasiado tempo a conversar com alguém, e Charlie não podia dar-se ao luxo de perder este emprego. Servir ao balcão no Rapture era um golpe de sorte, tendo em conta o seu registo.

Fora-lhe arranjado por Balthazar, que geria um salão de sombras em frente à cave, estilo bar de bebidas ilegais, e tinha bons motivos para se manter de olho nela — não sendo o menos importante o facto de querer que ela voltasse a trabalhar para ele.

E enquanto Charlie olhava para Doreen e aquele entusiasmo habitual se agitava nela, sentiu a precariedade do seu compromisso com tudo o que era certinho. Como uma estratégia de sucesso que não passa da palavra «lucro» com uma série de pontos de exclamação.

— Posso servir-te uma bebida? — perguntou ela a Doreen.

Doreen abanou a cabeça.

— Tens de me ajudar a encontrar o Adam. Ele desapareceu, outra vez, e eu...

— Não posso falar agora — interrompeu Charlie. — Pede alguma coisa, para a minha chefe não me chatear. Água com gás e *bitters*. Arando e lima. Qualquer coisa. É por minha conta.

Os olhos húmidos e raiados de sangue de Doreen sugeriam que tivera muita dificuldade em esperar até ali estar. Ou que já bebera uns copos antes de aparecer. Talvez ambos os casos.

— Ei — chamou um dos clientes habituais, e Charlie afastou-se para o servir. Preparou um *cosmopolitan*, que verteu vermelho-rubi do misturador. Pôs-lhe em cima uma pequena pedra de gelo seco que gerou uma pluma de fumo, como se fosse uma poção.

Foi atender outra mesa, um tipo que estava a aconchegar uma cerveja, dedos trementes a aplicar um terceiro penso de nicotina na parte interior do braço. Queria manter a conta aberta.

Charlie serviu uma dose de *Four Roses* a um tipo de ar rústico com óculos sujos que parecia ter dormido com a roupa vestida e que lhe disse que não apreciava o seu *bourbon* demasiado doce. A seguir, atravessou o bar até à outra ponta, detendo-se para preparar um

whisky com *ginger ale* para o próprio Balthazar, quando ele lhe acenou para a chamar.

— Tenho um trabalho para ti — disse ele baixinho. Com os seus olhos cintilantes, pele castanho-clara e caracóis suficientemente longos para serem apanhados num rabo de cavalo mal-amanhado, governava com mão firme o seu salão de sombras, tornando realidade os sonhos corruptos da cidade.

— Nem pensar — disse Charlie, seguindo caminho.

— Vá lá. O Knight Singh foi assassinado na sua cama e o quarto foi vandalizado. Alguém se pirou com o fólio pessoal de descobertas mágicas — disse Balthazar nas costas dela, não se dando por convencido. — É nisto que és boa.

— Nem pensar! — disse ela para trás, no tom mais animado que conseguiu.

Knight Singh que se lixasse.

Fora o primeiro crepusculista a contratar os serviços de Charlie, na altura em que era ainda uma criança. No que lhe dizia respeito, bem podia apodrecer na sua sepultura, mas isso não significava que ela o roubasse.

Charlie já não alinhava no jogo. Revelara-se demasiado boa a jogá-lo e os danos colaterais foram demasiado elevados. Agora, não passava de uma pessoa normal.

Um trio embriagado de raparigas com ar de bruxas, na casa dos 20 anos, festejava um aniversário numa noite de semana, batom preto aplicado sobre as bocas. Pediram shots de absinto barato verde-néon e deitaram-nos abaixo. Uma delas deverá ter tido a sua sombra recentemente alterada, pois não parava de se mover de forma que a luz a apanhasse e projetasse o seu novo eu na parede. Tinha chifres e asas, como um súcubo.

Era lindo.

— A minha mãe odeeeeeeia — contava a rapariga às amigas, com a voz levemente arrastada.

Saltou e manteve-se no ar por momentos, enquanto as suas asas de sombra batiam e uns quantos clientes espreitavam com admiração.

— A minha mãe diz que quando tiver de arranjar um trabalho a sério, vou arrepender-me de ter algo que não posso esconder. Disse-lhe que estava empenhada em nunca o revelar.

Da primeira vez que Charlie vira uma sombra alterada, lembrou-se de um conto de fadas que lera em criança na biblioteca da escola: *A Bruxa e o Irmão Azarado*.

Ainda recordava as primeiras frases da história: «Era uma vez um rapaz que nasceu com uma sombra faminta. Ele tinha tanta sorte quanto era possível, enquanto a má sorte incidia no seu gêmeo, que nascera sem sombra.»

Mas, naturalmente, a sombra desta rapariga não era sortuda. Tinha um ar fixe e dava-lhe um pouco de magia menor. Ela conseguia pairar talvez a uns oito centímetros do chão, por um par de segundos de cada vez. Um par de saltos altos tê-la-ia levado mais alto.

Também não fazia da rapariga uma crepusculista.

Sombras manipuladas eram a especialidade de alteracionistas, de entre as quatro disciplinas era aquela com maior envolvimento com a população. Os alteracionistas conseguiam moldar sombras cosmeticamente, usá-las para desencadear emoções tão fortes que podiam revelar-se viciantes, e até extrair pedaços do subconsciente das pessoas. Havia riscos, claro. Por vezes, as pessoas perdiam muito mais de si próprias do que tinham negociado.

As outras disciplinas crepusculistas eram mais sigilosas. As carapaças concentravam-se nas suas próprias sombras, usando-as para rasgar o ar em asas de sombra ou para se blindarem. Os titereiros enviavam as suas sombras para fazerem coisas em segredo — segundo a experiência de Charlie, sem dúvida o tipo de tretas sobre as quais ninguém queria falar. E as máscaras não eram muito melhores, um bando de pulhas e místicos determinados a desvendar os segredos do universo, independentemente de quem magoassem.

Havia um motivo para serem conhecidos por obscuros, em vez do seu devido título. Não se podia confiar neles, tal como não era possível confundi-los. Por exemplo, independentemente do que diziam os crepusculistas, todos traficavam sombras roubadas.

O namorado de Charlie, Vince, vira a sua ser-lhe roubada, provavelmente para um merdas qualquer de um rico ter a sua terceira rodada com uma alteração. Agora, não projetava nenhum tipo de sombra, nem sequer sob a luz mais brilhante. Acreditava-se que faltava algo às pessoas sem sombra, uma falta de algo intangível. Por vezes, as pessoas que passavam por Vince na rua reparavam e afastavam-se dele.

Charlie também gostaria que as pessoas lhe dessem espaço. Mas incomodava Vince, pelo que ela lançava um olhar fulminante a quem quer que o fizesse.

Quando Charlie deu a volta para trás, Doreen disse:

— Tomo um *ginger ale*, para me acalmar o estômago.

Odette parecia distraída com as suas amigas.

— OK, qual é o problema?

— Acho que o Adam se meteu noutra farra — disse Doreen enquanto Charlie pousava a bebida à sua frente, a par de um guardanapo de cocktail. — Ligaram do casino. Se ele não aparecer na segunda-feira, dão-lhe um pontapé no cu. Estou sempre a ligar-lhe para o telemóvel, mas não me atende.

Charlie e Doreen nunca foram grandes amigas, mas tinham alguns conhecimentos comuns. E, por vezes, conhecer alguém há muito tempo parecia ser mais importante do que gostar da pessoa.

Charlie suspirou.

— Então, o que queres que faça?

— Encontra-o e faz com que volte para casa — disse Doreen.
— Talvez recordar-lhe que tem um filho.

— Não sei se consigo obrigá-lo a fazer alguma coisa — disse Charlie.

— É por tua causa que o Adam é assim — disse-lhe Doreen.
— Ele não para de aceitar empregos extra demasiado perigosos.

— Como assim, culpa minha? — Charlie limpou a zona do balcão à sua frente para fazer algo.

— Porque o Balthazar está sempre a compará-lo contigo. O Adam está a tentar ficar à altura da tua estúpida reputação. Mas nem toda a gente nasceu criminoso.

O companheiro de Doreen, Adam, era *croupier* de vinte-e-um no casino de Springfield e começara a trabalhar em part-time para Balthazar depois de Charlie ter desistido. Talvez ele julgasse que lidar com qualquer treta suspeita nas mesas de jogo o preparasse para roubar a obscuros. Ela também desconfiava que Adam achara que se Charlie conseguia fazê-lo, então não deveria ser assim tão complicado.

— Podemos falar melhor depois do meu turno — disse Charlie com um suspiro, pensando em todas as razões possíveis para se manter afastada.

Para começar, seria a última pessoa que Adam desejaria ver, independentemente do contexto.

Depois, isto não lhe daria a ganhar nenhum dinheiro.

Corria o rumor de que Adam andava a gastar o dinheiro extra ganho com Balthazar a apanhar pedradas, ou seja, a drogar a sombra, para se poder olhar para o vazio durante horas enquanto somos inundados de emoções. Adam estaria provavelmente deitado de barriga para o ar num quarto de hotel, a sentir-se muito bem, e sem dúvida não queria que Charlie o arrastasse para casa antes que passasse o efeito.

Charlie olhou para Doreen, a última coisa de que estava a precisar na altura, sentada na outra ponta do balcão, pesarosa, a remexer a bebida com um pauzinho.

Charlie ia a esticar o braço para a torneira de *seltzer* quando um estrondo a fez erguer o olhar.

O tipo de aspeto rústico, do pedido de *bourbon* «não muito doce», encontrava-se agora de mãos e joelhos no chão junto ao palco vazio, emaranhado numa cortina de veludo. Um dos gorilas do salão de sombras, um homem chamado Joey Aspirina, posicionou-se sobre o tipo como quem decide se deve pontapeá-lo na cara.

Balthazar seguira-os pelas escadas acima, ainda aos gritos.

— Estás louco, a tentar que eu fique com isso? Estás a tramar-me para que pareça que fui eu a roubar o *Liber Noctem*? Põe-te a milhas!

— Não é nada disso — disse o rústico. — O Salt está desesperado por recuperar nem que seja apenas uma parte. Paga bem...

Charlie retesou-se ao ouvir o nome de Salt.

Não havia muito que a abalasse, tendo em conta tudo o que já vira e fizera. Mas só de pensar nele ficava afetada.

— Cala-te e põe-te na rua. — Balthazar apontou para a saída.

— O que se passa? — quis saber Doreen. Charlie abanou a cabeça ao ver Joey Aspirina atirar o rústico pela porta. Odette levantou-se para falar com Balthazar, as vozes demasiado baixas para ela conseguir escutar.

Balthazar virou-se, apanhando Charlie a espreitar enquanto ele se encaminhava para o salão de sombras. Piscou o olho. Ela deveria ter erguido a sobrancelha ou revirado os olhos, mas a referência a Lionel Salt deixara-a rígida e empedernida. Balthazar já se fora antes de ela conseguir reagir.

O aviso para que fizessem os últimos pedidos da noite não tardou. Charlie limpou o balcão. Encheu uma máquina de louça com misturadores e copos sujos. Contou o dinheiro da sua caixa registadora, tirando das suas gorjetas o dinheiro da bebida de Doreen e enfiando-o junto com as outras notas. O Rapture pode exultar com a sua singularidade, pode ter as paredes e teto revestidos a preto 3.0, tinta tão escura que furta a luz de uma divisão, e pode ter ar muito denso devido ao incenso. Pode ser o tipo de espaço em que os locais aparecem para ver magia, ou excentricidades, ou se se cansam de bares de desporto onde há *kombucha* a sair da torneira. Mas os rituais de fecho eram os mesmos.

A maioria do resto do pessoal já saíra quando Charlie foi ao gabinete de Odette buscar o seu casaco e bolsa. O vento espicaçara, enregelando o suor no seu corpo à medida que se encaminhava para o carro, recordando a Charlie que o outono já ia no fim, aproximando-se o inverno, e que ela precisava de começar a trazer para o trabalho algo mais quente do que um fino casaco de cabedal.

— E então? — perguntou Doreen. — Estou a gelar aqui fora. Vais dar com ele? A Suzie Lambton diz que a ajudaste e mal a conheces.

O trabalho provavelmente não seria muito complicado, e então livrar-se-ia de Doreen. Se Adam andasse por aí algures pedrado, poderia sempre roubar-lhe a carteira. Isso fá-lo-ia regressar a correr a casa. O mesmo sucederia se lhe roubasse as chaves do carro, só para mostrar que era capaz.

— O teu irmão trabalha na universidade, certo? Na tesouraria.

Doreen estreitou os olhos.

— É representante do serviço de apoio ao cliente. Atende telefones.

— Mas tem acesso aos computadores. Por isso, pode arranjar maneira de a minha irmã ter mais um mês para pagar a conta, certo? Não é pedir-lhe que cancele a dívida, é apenas um adiamento. — Taxas de orientação, taxas de tecnologia para estudantes e taxas de processamento eram para pagar antes de chegar o dinheiro do empréstimo. E nem sequer estava a contar com a sucata velha de que Posey iria necessitar para ir e vir do *campus*. Nem com os livros.

— Não quero que ele se meta em apuros — disse Doreen de modo afetado, como se não estivesse a tentar convencer uma criminosa a encontrar o seu namorado criminoso.

Charlie cruzou os braços sobre o peito e esperou.

Por fim, Doreen anuiu lentamente com a cabeça.

— Acho que podia perguntar.

O que poderia significar muita coisa. Charlie abriu a mala do seu massacrado *Toyota Corolla*. A sua coleção de telemóveis descartáveis estava pousada ao lado de um emaranhado de cabos de arranque, de um velho saco com material para roubos e de uma garrafa de vodca que trouxera por atacado do bar.

Charlie pegou num dos telemóveis e inseriu o código para o ativar.

— Muito bem, deixa-me lançar aqui um isco a ver se o Adam morde. Diz-me o número dele.

Se ele respondesse, disse a si própria, iria tratar do assunto. Se não, afastar-se-ia.

Sabia que buscava apenas um pretexto para se meter em apuros. Pisava areias movediças para ver se afundava. De qualquer modo, enviou-lhe uma mensagem: *Tenho um trabalhinho e ovi dizer que eras o melhor.*

Se a ele o preocupava o facto de não ser suficientemente bom, então os elogios seriam motivadores. Era a natureza de quem se dedicava à vigarice, aproveitar-se das fraquezas. Era também uma má forma de treinar o cérebro para pensar nas pessoas.

— Vamos ver se ele responde e... — ia Charlie a dizer quando o seu telemóvel deu sinal.

Quem és tu?

A Amber, escreveu Charlie em resposta. Dispunha de várias identidades por usar que criara para as suas vigarices. De entre essas, Amber era a única crepusculista. *Desculpa incomodar tão tarde, mas preciso mesmo da tua ajuda.*

Amber, de cabelo comprido castanho?

Charlie fitou demoradamente o telemóvel, tentando perceber se se tratava de um truque.

És mesmo bom como dizem. Acrescentou um emoji de piscar de olho e esperou que a ambiguidade lhe permitisse evitar as perguntas dele.

— Não acredito que ele está a trocar mensagens contigo. O que é que diz?

— Espreita — disse Charlie a Doreen, passando-lhe o telemóvel. — Vês? Está vivo. Está bem.

Doreen roeu uma unha enquanto lia as mensagens.

— Não disseste que ias namoriscar com ele.

Charlie revirou os olhos.

Do outro lado do parque de estacionamento, Odette, enfiada num enorme sobretudo, avançou até ao seu *Mini Cooper* roxo.

— Achas mesmo que consegues levá-lo a dizer onde está?

Charlie assentiu com a cabeça.

— Claro. Até consigo lá ir e atar-lhe braços e pernas, se for isso que queres. Mas, para isso, tens de me fazer um favor melhor.

— A Suzie diz que pedir-te ajuda é como fazer um pacto com o Diabo. O Diabo pode conceder-te o desejo, mas acabas sem alma.

Charlie mordeu o lábio e olhou para cima, para a luz do candeeiro de rua.

— Tal como disseste, mal conheço a Suzie. Ela deve estar a confundir-me com alguém.

— Talvez — disse Doreen. — Mas tudo aquilo que fizeste... mesmo na altura, as coisas que o pessoal disse... devias estar furiosa com alguém.

— Ou talvez só o tenha feito por diversão — disse Charlie. — O que seria ainda mais tramado, não? E dado que estou a fazer algo por ti, seria de bom-tom não abordares o assunto.

Doreen suspirou de cansaço, um suspiro daqueles que as mães de crianças pequenas pareciam transportar sempre dentro de si.

— Pois, está bem. Trá-lo mas é para casa antes que acabe como tu.


Charlie ficou a ver Doreen partir, após o que se enfiou no seu *Corolla*. Apertou o cinto. Tentou não pensar no trabalho que Balthazar lhe propusera, nem em quem ela fora em tempos. Pensou antes no *ramen* que ia ferver quando chegasse a casa. Esperou que a irmã tivesse dado de comer à gata. Imaginou o colchão à sua espera no chão do quarto. Imaginou Vince, já a dormir, com os pés emaranhados nos lençóis.

Enfiou a chave na ignição.

O carro não pegava.

2

REI DE COPAS INVERTIDO

 vento redemoinhou pelo túnel da Cottage Street, mordiscando as bochechas de Charlie e atirando-lhe cabelo para a cara.

O *Corolla* permanecia imobilizado no parque de estacionamento do Rapture. De nada valeram todas as vezes em que rodou a chave ou espancou o tabliê. Os cabos de arranque de nada serviram para o ressuscitar e os reboques eram caros.

Equacionou chamar Vince, ou até um táxi, mas em vez disso pegou na vodca que tinha na mala e bebeu de golada diretamente da garrafa, ficando ali parada com pena de si própria. A olhar para o céu.

As últimas folhas ficaram castanhas; havia poucas ainda nos ramos, dependuradas como morcegos adormecidos.

Um carro abrandou junto ao sinal de stop. O condutor gritou umas propostas vulgares antes de carregar no acelerador. Ela mostrou-lhe o dedo do meio, embora muito provavelmente ele nem tivesse reparado.

De qualquer modo, não foi nada que Charlie nunca tivesse ouvido antes. Viu-se refletida nas janelas do carro. Cabelo escuro. Olhos pretos. E muito mais coisas: peito, rabo, barriga e coxas. Com demasiada frequência, as pessoas comportavam-se como se as curvas dela fossem um convite declarado. Pareciam esquecer-se de que toda a gente nasce com um corpo do qual não se pode livrar

como se fossem chinelos, figuras que não conseguem transformar como se fossem sombras.

Uma nova rajada de vento fez esvoaçar umas quantas folhas, embora a maioria se tenha acumulado nas bermas da estrada.

E foi então que Charlie entendeu que seria uma excelente ideia percorrer a pé os dois quilómetros e meio até casa.

Era uma caminhada de nada. Um passeio.

Ou assim teria sido, para alguém que não tivesse passado o dia e metade da noite em pé.

Demasiado tarde, ocorreu-lhe o termo «valentia alimentada a álcool».

Passou por uma livraria às escuras, em cuja montra se via um conjunto de outono com abóboras com presas de vampiro cravadas nas bocas entalhadas. Encontravam-se de dentes arreganhados ao lado de livros de terror e de uma camada decorativa de doces em forma de espiga de milho, os seus corpos cor de laranja a começarem a amolecer, apodrecidos.

Todos os estabelecimentos se encontravam fechados. Cingindo mais o casaco, Charlie desejou que Easthampton fosse mais como as cidades universitárias em redor — Northampton ou Amherst —, com suficientes estudantes embriagados nas ruas com animação noturna para justificar que pelo menos uma pizzeria se mantivesse aberta após o encerramento dos bares, ou um café para notívagos precoces.

Todo o sossego deu-lhe demasiado espaço para pensar.

Sozinha na rua escura, Charlie não teve como escapar às palavras de Doreen. *Mas tudo aquilo que fizeste... mesmo na altura, as coisas que o pessoal disse... devias estar furiosa com alguém.*

Deu um pontapé num pedaço solto de cimento.

Quando era criança, Charlie tinha um cabelo preto que parecia uma esfregona, olhos castanhos e má atitude. Metia-se sucessivamente em sarilhos, mas pelo caminho percebeu que era boa a decifrar as coisas. Quebra-cabeças e pessoas. Gostava de as solucionar, de descobrir a forma de chegar ao que escondiam. De se tornar aquilo em que elas queriam acreditar.

O que a levou a ponderar de novo na questão de Adam. Não poderia vir mal ao mundo se se envolvesse, distraíndo-se da escuridão.

Charlie pegou no telemóvel e escreveu: *Há um volume na Coleção de Livros Raros Mortimer na Smith College que, estou certa, contém algo importante. Posso pagar-te. Ou podemos negociar uma troca.*

Os crepusculistas andavam sempre em busca de livros antigos com pormenores sobre técnicas para manipulação de sombras. Não era segredo que se matavam uns aos outros por causa disso. Estava a propor a Adam um trabalho simples.

Teria de ser algo tentador.

Ao longo de dez anos, ela roubara material para crepusculistas e outros. Livros, pergaminhos e, por vezes, outras coisas piores. Ao longo de dez anos, manteve a sua identidade em segredo. Mostrou-se discreta, foi trabalhando em restaurantes e bares para disfarçar e recorreu a Balthazar como intermediário. Há pouco mais de um ano, fez um depósito para uma casa. Convenceu Posey a candidatar-se à universidade.

E depois deu cabo de tudo.

Era como se houvesse uma fomalha dentro de Charlie, sempre em combustão. Há um ano, percebera como era simples reduzir tudo a cinzas.

Adam não respondia às mensagens. Talvez estivesse a dormir. Ou pedrado. Ou simplesmente não lhe interessasse. Enfiou o telemóvel descartável na mala.

Pelo canto do olho, pareceu a Charlie ver algo oleoso a deslizar entre um prédio e outro.

Afastou-lhe a mente do passado, mas não de uma forma positiva.

As pessoas falavam de sombras sem corpos a percorrer o mundo da mesma maneira que falavam do Slender Man ou da rapariga com a bochecha cheia de aranhas, mas Charlie sabia que os Flagelos eram mais do que uma mera história. Eram aquilo que restava quando o crepusculista morria e a sombra não. Bastante reais e muito perigosos. O ónix resultava neles, tal como o fogo, mas só isso, a não ser que se fosse um crepusculista.

O seu telemóvel verdadeiro deu sinal, atraindo-lhe de repente os pensamentos de volta ao presente. Era uma mensagem de Vince: *Tudo bem?*

Em casa em breve, respondeu.

Deveria ter-lhe ligado, ainda no Rapture. Ele tê-la-ia ido buscar. Provavelmente, também teria ficado agrado com isso. Mas ela não apreciava a ideia de depender dele. Só pioraria as coisas quando ele se fosse embora.

Ouviu-se um som vindo do fundo da rua, junto ao local onde o lago Nashawannuck se unia ao lago Rubber Thread, em frente às fábricas abandonadas. Estava lá alguém.

Ela estugou o passo, enfiando a mão no bolso para envolver o punho de uma navalha de ponta e mola que tinha presa às chaves. Ainda se encontrava afiada, apesar de a usar para abrir caixas de cereais e arrancar massa de vidraceiro de janelas antigas. Não sabia muito bem como a usar para se defender, mas pelo menos era afiada e tinha um punho de ónix para enfraquecer as sombras.

O vislumbre de um movimento atraiu-lhe a atenção para uma viela. Uma luz acesa no exterior da porta de uma das lojas iluminou uma pilha de roupa manchada, osso branco e uma parede com salpicos escuros de sangue.

Charlie estacou, retesando os músculos, o estômago às voltas, a mente a tentar entender o que se passava. O seu cérebro não parou de lhe fornecer alternativas ao que viu: um adereço descartado de uma casa assombrada, um manequim, um animal.

Mas não, os restos eram humanos. Carne rasgada, esfarrapada a par da roupa, como se quem fez aquilo estivesse desesperado por deitar a mão às entranhas da pessoa.

Charlie aproximou-se. O frio continha o cheiro, mas notava-se ainda assim no ar um odor doce a cadáver. O rosto do homem estava voltado para um lado, os olhos vidrados e abertos. A caixa torácica estava partida e parcialmente arrancada, com ossos pálidos e afiados a erguerem-se sobre a confusão de carne como um círculo de vidoeiros-brancos.

E, junto à parede, fez-se notar de novo um movimento. A sombra dele, que devia estar tão imóvel quanto o respetivo cadáver, apresentava-se fragmentada e a pairar na brisa, como roupa lavada pendurada na corda. Como se uma rajada forte de vento pudesse libertá-la.

O rosto do homem encontrava-se tão modificado pela morte que foi na roupa que ela reparou primeiro, em *tweed*, encorrihada e um pouco suja, como se ele tivesse passado tempos difíceis com ela vestida. Era o homem que Balthazar expulsara do salão do Rapture. O tipo que propusera revender a Salt algo que lhe pertencera.

Duas horas antes, ela pousara um *Four Roses* diante dele. Agora...

Ouviu-se um som na outra ponta da viela, e Charlie ergueu o olhar e inalou com força. Um homem com um casaco preto comprido e chapéu, olhos tão escuros como orifícios de balas, olhava fixamente para ela.

Havia algo de errado com as mãos dele.

Muito errado.

Eram completamente formadas por sombras, até mesmo nos nós marcados dos pulsos.

Começou a avançar na direção de Charlie, com passos fortes e distintos no asfalto. Metade do seu instinto disse-lhe que fugisse, a outra quis que paralisasse, porque fugir desencadearia o desejo do predador de a perseguir. Ela ia mesmo dar luta? A navalha que segurava na mão parecia ridiculamente pequena, pouco melhor do que uma tesoura das unhas.

Ouviram-se sirenes ao longe.

Ao escutar o som, o homem deteve-se. Observaram-se mutuamente, o cadáver entre eles. Depois, ele recuou, esgueirando-se para lá da esquina, para fora da linha de visão dela. Charlie sentiu a cabeça zozna com o choque, além de horrivelmente sóbria.

Obrigando-se a mexer-se, saiu a cambalear da viela e caminhou apressadamente na direção da Union. Se ela se encontrasse perto do corpo quando a polícia chegasse, iriam ter muitas perguntas — e não era provável que acreditassem numa história sobre um tipo qualquer com mãos de sombra. Em especial sendo contada por

Charlie, que fora levada de cana duas vezes antes de fazer 18 anos, devido a esquemas fraudulentos.

As pernas transportavam-na em frente, mas a mente patinava.

Desde o Massacre de Boxford, vinte anos antes, quando o mundo tomou consciência da existência dos crepusculistas, eles têm tido uma presença bem notória no Massachusetts Ocidental. O Silicon Valley da magia das sombras.

De Springfield, com as suas fábricas de armas encerradas e mansões entaipadas, passando pelas universidades e faculdades, quintas idiossincráticas das vilas nas colinas, rios poluídos e beleza pantanosa do Reservatório de Quabbin, o Valley era suficientemente barato e suficientemente perto de Nova Iorque e Boston para ser chamativo. Além disso, contava com uma tolerância bastante elevada quanto a esquisitoides. Havia cabras disponíveis para aparar relvados. Um clube de armas que organizava anualmente uma feira medieval. Era possível encontrar uma armação de cama do século XVIII e um vaso artesanal em forma de vagina, assim como arranjar heroína junto de um tipo no terminal de autocarros — tudo num raio de quinze minutos.

Hoje em dia, também é possível entrar num salão de sombras e arranjar um alteracionista para remover o nosso desejo pelos vícios anteriormente referidos, ou acrescentar um novo. A popularidade de meter drogas crescia a olhos vistos. Quanto mais crepusculistas havia, mais as cidades mudavam, e não havia no mundo ónix suficiente para os deter.

E no entanto, apesar de tudo isto, este homicídio parecia intensamente horrível. Quem ou o quê o cometeu teria necessitado de uma força incrível para abrir um corpo como se fosse uma noz.

Enfiou as suas mãos trementes ainda mais fundo nos bolsos. O seu trajeto habitual tornou-se estranho, pleno de sombras pontiagudas que se moviam a cada rajada de vento. O seu nariz pareceu detetar o odor a carne estragada.

Mais dois quarteirões ofegante e depois já subia a sua rampa, com as mãos a tremer.

A sineta sobre a porta retiniu quando ela entrou na feia cozinha amarela da sua casa arrendada. Havia uma frigideira e dois pratos sujos esquecidos no lava-louça. Um prato coberto por outro junto ao micro-ondas. A gata deles, *Lucipurrrr*, empurrou-o, esperançosa, com o focinho.

Dirigindo-se à sala de estar, deu com Vince a dormir diante da televisão com o som no mínimo, o seu grande corpo esparramado no sofá resgatado do lixo, com um livro pousado sobre a barriga. Quando olhou para ele, sentiu uma certa nostalgia, a desconfortável sensação de sentir a falta de alguém que ainda nem partira.

O olhar recaiu sobre o ponto onde deveria ver-se a sombra dele. Mas não havia nada de nada.

Quando Charlie o conheceu, reparou em algo estranho, como se ele estivesse sempre um pouco desfocado, algo esborratado nas margens. Talvez ela não estivesse muito atenta por estar embriagada ou por ele ter um maxilar firme e estar barbeado, algo que nunca acontecia com os tipos que se sentiam atraídos por ela. Só quando o viu na manhã seguinte, com a silhueta recortada numa porta, parecendo que a luz o atravessava, é que percebeu que ele não tinha sombra.

Posey reparara logo.

A irmã de Charlie encontrava-se agora sentada num tapete gasto e esfapado cinzento, de olhos estreitados a ver uma imagem no seu computador portátil, com uma série de cartas espalhadas diante de si. Vestia o mesmo pijama que usava quando Charlie saiu, os punhos gastos e sujos. Sem soutien. O seu cabelo castanho-claro preso num carrapito mal-amanhado no cimo da cabeça. O único adereço que usava era uma argola de ónix e ouro no nariz, que nunca tirava. Posey participava em todas as suas chamadas de vídeo com a câmara desligada, pelo menos em parte para não ter de se vestir.

Soava absolutamente profissional, a sua voz suave enquanto prosseguia com a leitura de *tarot*, mal parecendo reparar em Charlie.

— Nove de Paus, invertido. Sente-se cansada. Quer dar muito de si, mas ultimamente sente-se como se nada mais restasse para dar...

A pessoa do outro lado deve ter começado a despejar algo, pois Posey interrompeu-se e pôs-se à escuta.

Quando eram crianças, a mãe delas arrastou-as para muitos videntes. Charlie recordava-se de olhar para almofadas de veludo empoeiradas e cortinas de contas na sala principal de uma casa diante de uma via rápida, a cabeça de Posey no seu colo, ouvindo a mãe a ser enganada em relação ao futuro.

Mas mesmo sendo uma fraude, a mãe delas necessitava de ter alguém com quem conversar, e não ia propriamente abrir-se com mais ninguém. Os videntes eram terapeutas para as pessoas incapazes de admitir que necessitavam de terapia. Eram magia para quem necessitava desesperadamente de um pouco de magia, antes sequer de a magia ser real.

E apesar de Charlie não acreditar que Posey tivesse poderes, não achava que os clientes dela arranjassem alguém que desse tanto valor aos seus problemas, que desejasse ajudar. Aquilo parecia valer um donativo de cinquenta dólares e uma subscrição da sua conta no *Patreon*.

Charlie regressou à cozinha e destapou o prato. Vince preparara tacos de ovos, com abacate fatiado a acompanhar e duas porções gémeas de tabasco e *sriracha*. Pelos pratos no lava-louça, dava a ideia de que até preparara algo para Posey. Charlie comeu a sua dose na mesa desdobrável enferrujada da cozinha enquanto ouvia a irmã falar.

— Rei de Copas, também invertido. É uma mulher inteligente, mas por vezes toma decisões que não serão as mais acertadas.

Uma réstia de adrenalina levou-a a pousar por momentos o garfo e inspirar várias vezes a custo. Tentou concentrar-se na voz da irmã, na familiaridade da história que Posey contava.

A maioria das pessoas que lhe ligavam para leituras tinha problemas relacionados com amor. Talvez desejassem saber se tinham uma oportunidade com alguém em particular. Ou talvez

se sentissem sozinhas e desejassem que alguém lhes dissesse que a culpa não era delas, mas que se devia apenas a ainda não terem encontrado a pessoa indicada. Mas maioritariamente devia-se ao facto de se encontrarem num relacionamento que corra mal e, em parte, desejarem que lhes dissessem que valeria a pena todo o sofrimento, enquanto por outro lado desejavam obter permissão para deixar tudo para trás.

A maior parte das visitas da mãe delas a videntes tivera que ver com relacionamentos. As mulheres Hall apaixonavam-se como quem caía de um penhasco. Eram péssimas a escolher homens, como se houvesse algum tipo de maldição ancestral iniciada com o casamento da avó com um tipo tão horrível, que ela ainda cumpria pena na prisão por lhe ter dado um tiro na nuca enquanto ele se encontrava na sua cadeira reclinável a ver televisão. Perdurou até a mãe levar Charlie e Posey a manterem-se quietas no banco traseiro de um *Kia*, enquanto ela circulava para tentar apanhar o pai delas a traí-la, passando por um padraço que partiu o pulso a Posey e por um ex-namorado de Charlie tão desesperado por dinheiro para pagar uma dívida de jogo, que a convenceu a preencher papéis dos impostos de mortos e a entregar-lhe o dinheiro dos reembolsos. Posey comentou que um tipo teria de ter um buraco na cabeça, no coração ou no bolso para uma das mulheres Hall ficar perdidinha de amores por ele.

Talvez fosse verdade. Talvez tivesse de haver algo em falta num homem para Charlie sentir que poderia mergulhar nessa ausência e curá-lo como se fosse um elixir. Ou talvez Charlie achasse apenas que também perdera algo, e um mal nunca vinha só.

Vince era um tipo de confiança. Rijo, trabalhador. O modo hesitante como contava histórias sobre a sua família deixou claro que não se sentia confortável em partilhar muito sobre o seu passado, mas ela andava atenta a pormenores há tempo suficiente para se poder lançar a adivinhar com alguma precisão. Os calos nas mãos dele eram recentes e tinha dentes direitos que sem dúvida tinham sido alinhados com aparelho. Sabia o tipo de coisas que se aprendem

na faculdade, mas não tinha dívidas. Vinha de um ambiente com dinheiro.

Charlie questionou-se se lhe teriam virado costas depois de ter perdido a sua sombra. Tentara perguntar, mas as respostas dele foram evasivas. E ela não se *esforçara*, porque não se sentia segura de querer saber dessa vida melhor e de como ele se afastara tanto da mesma.

Afinal, ele mostrou disponibilidade para olhar para o lado quando a verdadeira Charlie Hall emergiu, aquela que atraía problemas, dada a acessos depressivos mal saía da cama. Aquela que passara anos a tentar livrar-se das minhocas na cabeça com demasiado álcool, demasiados homens e uma sucessão de golpes. Dizia-se que alguém sem sombra não vivia as emoções de uma forma tão completa ou profunda. Talvez por isso não incomodasse a Vince o que ela era ou fizera.

Em casa com Vince, tentava ser fabulista e criação de fabulista, uma mulher cujo passado de vigarista ficara há muito para trás e que já não tinha de combater a necessidade de descarrilar.

E se ele ouvia melhor do que parecia, se ela por vezes desconfiava que ele se apercebia da sua dor, da sua parte animalasca a querer libertar-se, pelo menos não a afastava.

— Vá lá — disse Charlie, pressionando a perna de Vince com o pé. Queria que ele fosse com ela para a cama, necessitava do hálito dele no seu cabelo e do peso do seu braço em cima dela para a proteger de pensar no osso branco, no sangue seco ou em homens com mãos de sombras.

Vince abriu os olhos. Espreguiçou-se. Desligou o televisor. Tinha o hábito de homem alto de se curvar um pouco ao levantar-se, como se tentasse ser menos intimidante.

— Deste com a comida? — perguntou ao passar por ela a caminho do quarto, as pontas dos dedos deslizando-lhe pelas costas. Ela arrepiou-se avidamente, inalando o aroma a lixívia do trabalho ainda colado à pele dele.

— És um bom homem — disse-lhe Charlie.

Ele reagiu com um sorriso, baralhado, mas satisfeito.

Vince pagava as suas contas. Levava o lixo. Era amável com a gata. E se desejava uma outra vida, agora estava com Charlie. Não interessava mais o que lhe ia no coração do que aquilo que ia no coração de Charlie.

**NO MUNDO DE CHARLIE, AS SOMBRAS
PODEM SER ALTERADAS PARA AUMENTAR
O PODER DO SEU DETENTOR.
E, POR VEZES, GANHAM VIDA PRÓPRIA.**

Charlie Hall nunca encontrou uma fechadura que não conseguisse abrir, um livro que não pudesse roubar ou uma má decisão que não fosse capaz de tomar. Passou grande parte da sua vida a trabalhar para crepusculistas — magos capazes de despertar e manipular as sombras a seu bel-prazer —, roubando documentos preciosos para o mundo da magia ou participando em esquemas que em tempos lhe valeram a alcunha de Charlatã.

Agora, Charlie quer afastar-se dos erros do passado e trabalha como empregada de bar, mas abandonar este universo mágico não é fácil. A sua irmã mais nova, Posey, está desesperada por despertar a própria sombra e tornar-se crepusculista, e Vince, o seu namorado, parece estar a esconder-lhe alguma coisa.

Quando uma temível figura do passado reaparece na sua vida, o precário equilíbrio que Charlie conseguiu manter parece prestes a desmoronar-se, arrastando-a para um turbilhão de mentiras e crimes. Determinada a sobreviver e a proteger aqueles que mais ama, Charlie terá de enfrentar um grupo de mágicos obscuros, bilionários imprevisíveis e crepusculistas poderosos que procuram apoderar-se do infame *Livro da Noite*, que se diz conter um segredo capaz de lhes conferir um extraordinário poder.

**«Holly Black é exímia
na construção de mundos.»**

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238711



9 789896 238711 >